

DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v10i2.250>

REFLEXOS PÓS-PANDÊMICOS NA VIDA ESCOLAR: interações e aprendizagens

Juliana Bergmann¹, Rejane Sperling Sell Mackedanz², Volnei Mathies Filho³,
Graziele B. Schaefer⁴, Magdalena Angelo Voigt⁵,
Juliana Aparecida Bohn⁶, Sinara da Silva Emmel⁷

O período de pandemia foi um tempo de incerteza que deixou profundas cicatrizes emocionais e trouxe prejuízos de toda ordem, dentre eles à aprendizagem. Em razão disso, uma grande inquietação com o retorno às aulas presenciais nas escolas consistiu em saber como lidar com as fragilidades emocionais de professores, alunos e famílias. Além disso, foi fundamental mensurar as consequências que o tempo de isolamento provocou no desenvolvimento das crianças e adolescentes, para poder colocar todos na mesma sintonia. Junto a esse contexto complexo, a escola deveria aprimorar o processo de inclusão, cuja demanda tem aumentado significativamente, o auxílio na regulação emocional do indivíduo e nas resoluções de conflitos com o outro e consigo mesmo.

Estar à frente de um contexto tão diferente, tão inédito, promoveu movimentos importantes na gestão da escola. Passamos a gerenciar processos (também inéditos), exercitar ainda mais a escuta, valorizar, mais do que nunca, a colaboração dos professores entre si. Mapear as angústias dos docentes frente à aprendizagem talvez tenha sido um dos propósitos de maior afinco, pois precisávamos saber de onde partir, para onde ir e como alcançar objetivos e habilidades de aprendizagem que, antes, pareciam tão práticos no cotidiano da escola. Procurar inspirações, gerando engajamento coletivo e uma performance que resultasse em aprendizagens significativas mediante as defasagens que se observavam. Por isso, “o melhor que podemos fazer é criar as condições adequadas para que o crescimento se dê. Este princípio é especialmente verdadeiro em relação aos seres humanos” (HUNTER, 2004, p. 103).

E, para transformar esse cenário de incertezas em relação à aprendizagem, foi necessário resgatar nos professores o “educador do afeto” (MARCHAND, 1985). Assim, nos tornamos o educador que Martin Lutero nos faz lembrar com a concepção cristã de que

¹ Licenciada em Química, Bacharel em Química Ambiental (UCPel-2006). E-mail: juliana.bergmann@colegiosimon.com.br

² Licenciada em Pedagogia (UCPel-2000), Mestre em Educação em Ciências (FURG-2019). E-mail: rejane.mackedanz@colegiosimon.com.br

³ Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas (UFPeL-2006). E-mail: direcao@colegiosimon.com.br

⁴ Bacharel em Teologia (FLT-2018). E-mail: graziele.schaefer@colegiosimon.com.br

⁵ Graduada em Letras (UCPel-1985). E-mail: magdalena@colegiosimon.com.br

⁶ Professora na Rede Pública de Novo Hamburgo. Docente na educação básica e no ensino superior na IENH. Mestre em Letras. E-mail: julianabohn@gmail.com

⁷ Coordenadora pedagógica no Colégio Sinodal do Salvador - Porto Alegre. Mestre em Educação pela UNISINOS. E-mail: sinara.semmel@gmail.com

todos nós somos capazes de aprender. Vivenciamos no nosso cotidiano os protocolos sanitários, mas, agora, era preciso organizar protocolos curriculares e afetivos dentro da escola. E como tornar esses protocolos reais? Partindo de onde? Foi preciso se fazer inspiração! Buscou-se criar gatilhos para a motivação, a inovação e a criatividade dos professores. E a gestão, como parceira dos docentes, tem a tarefa de fazer nascer a inspiração que pode florir em cada um que ensina.

O olhar do professor em relação às aprendizagens dos alunos precisou, e ainda precisa, ser efetivo e afetivo. Para isso é necessário utilizar diferentes modos avaliativos, cujas evidências possibilitam identificar possíveis *gaps* na aprendizagem ou falhas no processo, e auxiliam no planejamento, com estratégias metodológicas mais assertivas. De acordo com Luckesi (2013), o ato de avaliar é um modo de acompanhar a qualidade de um determinado curso de ação, e, se necessário, intervir, tendo em vista o seu sucesso.

Todavia o processo de aprendizagem é bastante complexo e seu êxito está associado, sobretudo, à atuação docente e à proposta pedagógica bem estruturada, mas também ao comprometimento do aluno e envolvimento da família. A conexão com os alunos se estabelece no convívio diário na escola. Para o engajamento da família, a escola organiza uma rotina de atendimento, priorizada pela equipe gestora, e encontros em que os professores realizam atendimento individualizado, ao aluno e/ou responsável, para um parecer diagnóstico.

O atendimento aos alunos com necessidades educacionais específicas necessita especial atenção dentro deste processo diagnóstico da aprendizagem. Para um desenvolvimento eficaz, é importante uma ação conjunta do docente e demais profissionais da escola, bem como da família e de todos aqueles envolvidos direta ou indiretamente com a escolarização do aluno. Nesse sentido, realizam-se reuniões com os profissionais externos que atendem os nossos estudantes para uma construção em conjunto do plano de ensino individualizado.

Como Colégio Sinodal, somos instigados a despertar o sacerdócio geral, sendo fonte inspiradora para que cada profissional se dedique a dar o seu melhor para si mesmo e para o próximo. Somos chamados a vivermos de forma plena, reconhecendo o passado, planejando o futuro, mas vivendo intensamente e intencionalmente o nosso presente. A pandemia nos atingiu, nos feriu, mas também abriu nossos olhos para realidades que antes não cogitávamos. Ser escola confessional é abrir espaço para o desenvolvimento da vida, pois não somos meros reprodutores de conteúdo, mas agentes ativos no desenvolvimento emocional, cognitivo, social e espiritual de toda a rede escolar.

Portanto, estabelecer a sintonia entre todos os sujeitos que compõem o núcleo escolar não é tarefa simples, exige formação continuada, diálogo permanente, planejamento adequado e avaliação constante, buscando identificar pontos fracos para transformá-los em oportunidades de melhorias.

Palavras-chave: Aprendizagem. Socioemocional. Avaliação.

REFERÊNCIAS

HUNTER, James C. **O monge e o executivo**: uma história sobre a essência da liderança. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 2013.

MARCHAND, Max. **A afetividade do professor.** São Paulo: Summus Editorial, 1985.

Recebido em: 21/11/2022

Aceito em: 21/11/2022